Grupo de Pesquisa Cruz e Sousa
UFSC-CNPq

O MANUAL ANTIFA

TRADUÇÃO E ESTUDO CRÍTICO

Florianópolis
2020

Publicado originalmente
Na página do grupo de pesquisa Cruz e Sousa:
https://cruzesousa.paginas.ufsc.br
Em julho de 2020

Sumário

Apresentação

Parte 1 - Tradução

- Introdução
- Privilégio branco
- Criando uma Cultura da Tolerância
- Rompendo as fronteiras
- Controlar a Mídia
- Acredite na maneira como fazemos ou você estará fora
- Segunda fase: Socialização do Capital
- Acelerando o progresso
- Terceira fase: Nova Ordem Mundial
- Quarta fase: Um Governo Mundial Único

Parte 2 - Estudo crítico

- A atividade intelectual como ferramenta revolucionária
- O problema do polilogismo
- Mídia, escolas e universidades: aprofundando o controle
- A revolução comunista mundial: a Nova Ordem Mundial
- Seria tudo uma cortina de fumaça?
- Referências Bibliográficas

Apresentação

Grupo de Pesquisa Cruz e Sousa

O nome Antifa - abreviação de antifascista - ganhou notoriedade no final de maio de 2020 em decorrência da onda de protestos contra a morte do negro norte-americano George Floyd. Após os confrontos gerados com a polícia, pilhagens e depredações em várias cidades dos EUA, o presidente Donald Trump afirmou que ativistas de extrema-esquerda Antifa estariam por trás de tais ações. O presidente declarou estar cogitando enquadrar os Antifas como um grupo terrorista.

A acusação de Trump, no entanto, foi prontamente rejeitada por simpatizantes do movimento Antifa - como Mark Bray, autor do livro *Antifa: the anti-fascist handbook* - com a alegação de tratar-se de um grupo descentralizado, que não contaria com número suficiente de adeptos para causar uma destruição tão espantosa como a que foi feita. Outros, por sua vez, defenderam que não se trata de uma organização, mas principalmente de uma ideologia política, sem um projeto de poder definido, consistindo somente na atitude de recusa: "a recusa do fascismo, a recusa do discurso nacionalista e a recusa do racismo". Portanto, para esses defensores, a acusação de Trump não teria fundamento[1].

Recentemente chegou em nossas mãos um documento que parece desmentir a alegação de que o Antifa seja somente uma ideologia sem programa ou projeto de poder definido. *The Manual Antifa* é um panfleto em inglês, com nove páginas, contendo não apenas a ideologia ou os pressupostos sociológicos e históricos que inspiram o movimento, mas, também, diversas ações políticas a serem executadas num prazo de cem anos.

O plano Antifa tem como um dos objetivos principais a substituição populacional americana, com redução drástica da população branca. Para isso, o *Manual* prevê o apoio à imigração em massa de pessoas não brancas para os EUA e também para a Europa. A meta é que, em 2117, 70% da população americana seja formada por não brancos (atualmente é de 25% de não brancos). Não há dúvida que a nova população irá fornecer a base de sustentação política para o plano de poder Antifa. Para acelerar o processo de substituição populacional, o manual preconiza a facilitação do aborto, especialmente, o aborto sob demanda, isto é, para os que podem pagar, ou seja, para os brancos. Além disso,

[1] https://www.dn.pt/edicao-do-dia/02-jun-2020/antifa-os-ativistas-de-extrema-esquerda-que-trump-quer-banir-12265022.html

recomenda o *Manual* que é preciso difundir entre os brancos o ideal de vida sem filhos.

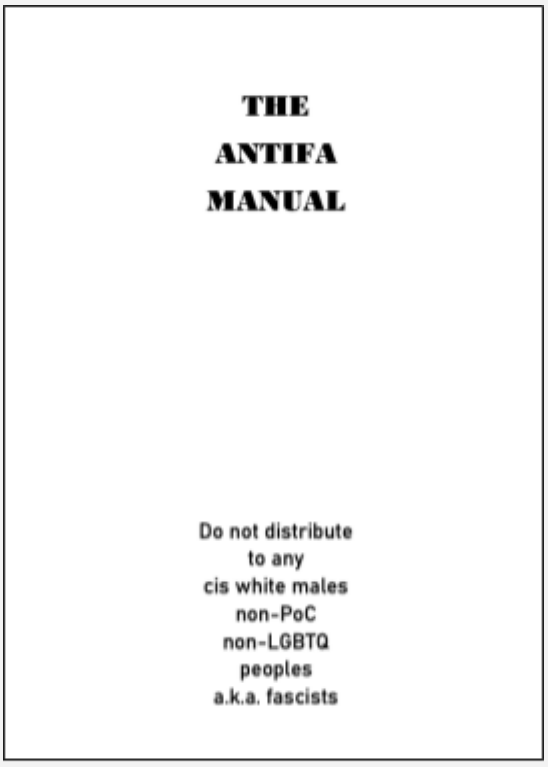

Figura 1: capa original.

Ora, diante de tal proposta, não é surpreendente que um movimento antifascista adote objetivos e procedimentos tão similares ao fascismo de Hitler? Substituir a população, purificar a raça, exterminar povos e indivíduos indesejados, criar uma cultura com uma mentalidade única, exercer um controle total. Isso não é tudo o que Hitler pretendia fazer?

O *Manual* é escrito em uma linguagem direta e contundente. Uma narrativa pintada com tintas fortes onde o leitor é rapidamente capturado por uma imagem ou visão de mundo dramática e explicativa: a de que o homem branco possui um privilégio social - white privilege - adquirido por meios injustos ao longo da história, e que os indivíduos não brancos e minorias sexuais encontram-se portanto em uma condição de desvantagem em relação ao homem branco, sendo privados e desfavorecidos na sociedade criada a partir do privilégio branco. Para "virar o jogo", os desfavorecidos precisam assumir sua identidade enquanto minoria - a identidade de negro, ou de mulher, de LGBT, de deficiente etc - e ela deve estar acima da sua nacionalidade. “Negro primeiro, só depois americano” é a identidade que o manual recomenda.

Como se pode ver, há uma pressuposição de que o sentimento de pertencimento a uma nação - nacionalismo - representa um obstáculo à grande unificação e emancipação política que o movimento pretende. De fato, o manual estipula nada menos do que uma Nova Ordem Mundial com um Governo Global Único Antifa que, se tudo der certo, dentro de cem anos, irá proteger e cuidar de todos os desfavorecidos. Esta, note bem, é mais uma semelhança com o fascismo: o papel atribuído ao Estado como o grande organizador ou o grande provedor da sociedade.

Tendo em vista que o movimento Antifa foi acusado de ser uma organização terrorista, vale a pena mencionar o que se diz a respeito. O *Manual* recomenda sempre combater um fascista. De que forma? Impedir ou interromper suas falas

e discursos. Não deixar falar. Quando alguém é identificado como um fascista, deve ser sistematicamente atacado, difamado, execrado, intimidado. O *Manual* não se refere explicitamente ao uso da força física. A princípio, recomenda ações de tipo moral ou psicológico contra um indivíduo considerado fascista. Apuração de fatos, falsas acusações, proporcionalidade, humanidade. Nada disso é preciso apurar ou preocupar, segundo o *Manual Antifa*. Muito pelo contrário, recomenda que o ataque seja massivo, ou seja, um fascista deve ser atacado reiteradas vezes pelo maior número de pessoas possível!

Quanto ao terrorismo, o "assassinato de inocentes" é algo que "repudiamos veementemente" diz o *Manual*. Esse trecho, no entanto, deixa dúvida se o assassinato, desde que não seja em massa, seria do mesmo modo condenado pelo movimento. Mas, se tudo correr bem, tal medida não será necessária, bastando o "assassinato" moral e a intimidação por outros meios. Aliás, contra o indivíduo identificado como fascista - geralmente, um homem branco - um recurso altamente recomendável é usar contra ele o medo de perder o emprego. Nesse caso, exigir sua demissão é uma estratégia recomendada. O que importa é calar e reduzir o opositor ao silêncio, afinal, ele é simplesmente um fascista.

E o que o *Manual Antifa* define como um fascista? De acordo com o manual, um fascista é alguém que reúne duas condições necessárias: ser branco e ser homem heterosexual. Essas condições, porém, ainda não são suficientes, a menos que o indivíduo se reconheça como "privilegiado" e se sinta "culpado" pela infelicidade dos outros seres humanos desfavorecidos. Caso não concorde com a descrição dos fatos defendida pelo movimento e - o mais grave - ouse manifestar-se diversamente, neste caso, estaremos diante de um fascista, que deverá ser implacavelmente combatido até ser reduzido ao medo paralisante e completo silêncio. Ou seja, um fascista é todo aquele que pense diferente ou discorde das ideias defendidas pelo movimento. A esse respeito o Manual Antifa representa não somente uma ameaça ao direito humano - ou princípio liberal - de discordar e de pensar por si próprio, mas um perigo especialmente à democracia, visto que ela pressupõe a liberdade de discordar. Sim, as ideias e táticas antifascistas são claramente antidemocráticas!

Este são apenas alguns dos elementos aterradores do panfleto Antifa. Nesse sentido, recomendamos a leitura direta e integral do documento. Nem chegamos a falar de outras ações totalitárias como a obtenção do controle absoluto da mídia e das redes sociais, ou do sinistro monitoramento dos indivíduos por meio de um microchip, das medidas de desapropriação e de socialização do capital.

Sobre a autenticidade do *Manual* não temos como afirmar com certeza, pois se trata de um documento anônimo nitidamente feito para oferecer uma narrativa para pessoas que iniciaram o contato com o movimento e gostariam de se

engajar em uma luta por um mundo mais justo com justificativas e indicações minimamente precisas do que poderiam fazer.

Não vamos aqui discutir se os objetivos declarados no *Manual* são os objetivos verdadeiros e se existem outros interesses escondidos por trás do movimento. Fato é que a autenticidade do *Manual* e do plano alí exposto parece ser confirmada por diversos acontecimentos recentes no campo da política como, por exemplo, a questão da imigração em massa, do aborto, do controle da mídia e das redes sociais etc. A partir da leitura que fizemos do documento, o movimento Antifa está longe de ser meramente ideológico, e demonstra ter sim um plano de ação bem definido para o que precisa ser feito no curto, no médio e no longo prazo.

Por trás da linguagem de combate ao discurso de ódio, à intolerância, à opressão, ao privilégio, etc. o *Manual Antifa* deixa entrever uma visão social e política altamente intolerante, repressora, violenta, segregacionista, racista, moralista, totalitária e desumanizante. Na medida em que identifica os problemas sociais como uma questão eminentemente racial a ser resolvida por uma política racial, a ideologia Antifa, apresentada no *Manual*, revela-se uma ideologia fundamentalmente racista. Sugerir o povoamento de um continente com raças determinadas não é muito diferente do se fez no século XIX com a política colonialista. O pressuposto de que os seres humanos devem ser distinguidos em função da cor da sua pele e que isso confere o direito, por exemplo, de usar o lado de uma calçada, ou o tipo de linguagem que você pode usar sem ofender outras pessoas é sim, racismo. No fundo, após a leitura do manual, concluímos que se trata não de um manual antifascista, mas o contrário, trata-se de como tornar-se um fascista por outros meios. Os meios utilizados para lidar com opositores, em termos de respeito ao indivíduo e a humanidade, não podem ser desprezados quando se fala em fascismo ou antifascismo. Apesar do declarado antagonismo do movimento, fica evidente que existem semelhanças demais com o fascismo para justificar o nome do movimento, seja em termos de método seja, em pressupostos antropológicos, sociológicos e políticos.

Gostaríamos que o *Manual* não passasse de um pastiche, uma brincadeira. Autêntico ou não, seria muito bom que as pessoas tivessem condições de identificar prontamente o engodo por trás da linguagem de boas intenções. Mas isso é certamente difícil, sobretudo em um panfleto ideológico, destinado a despertar certos sentimentos e conseguir o engajamento do público a que se destina (negros, gays, imigrantes, deficientes, minorias, jovens idealistas…). Pessoas com reflexão e capacidade crítica não são exatamente o que o panfleto pretende recrutar, pelo menos, não quando essas capacidades não são

temperadas com os sentimentos "certos" de indignação, revolta e desejo de transformação.

Enfim, depois dessa breve apresentação, passemos para a tradução do *Manual Antifa* a fim de que você possa avaliar por si mesmo seu conteúdo. Após a tradução, segue-se um breve estudo crítico, escrito por Antonio Pinho, em que o movimento Antifa é enquadrado em uma perspectiva mais ampla, que entendemos como fundamental para a adequada compreensão do movimento dentro do processo histórico da modernidade. Deste modo, você poderá entender por que o *Manual* foi escrito em 2017 e estabelece seu principal objetivo para o ano de 2117 - quando a Revolução Russa completará 200 anos .

Parte 1 - Tradução

Título: O Manual Antifa

Advertência:[2]
Não distribuir este material
para nenhum homem branco heterossexual
não-PoC[3], Não-LGBTQ,
ou seja, a nenhum fascista!

Introdução

Se você está lendo este documento é porque alguém próximo ao nosso movimento confia em você. Por favor não distribua a quem possa tentar prejudicar ou denegrir o que estamos fazendo.

Este é um manual ANTI-FASCISTA ou ANTIFA. Se você está lendo isto já sabe que somos um movimento de justiça social contra o ódio, intolerância e intimidação.

Este manual destaca onde estivemos, onde estamos e para onde iremos nos próximos 100 anos.

Mas, para entender como chegamos aqui, primeiramente temos que entender...

Privilégio branco

Por centenas se não por milhares de anos o poder do homem branco heterossexual controlou o mídia e a distribuição de informação. Primeiro veio a imprensa (controlada pelo homem branco). Então veio as mídias de massa como jornais e televisão (controlados por homens brancos). Mas, a próxima evolução nasceu numa época onde a estrutura de poder do homem heterossexual começou a perder seu firme controle na disseminação de idéias. Alguns dos nossos começaram a infiltrar-se em posições de alto nível nas principais organizações dos media.

[2] Esta advertência consta no texto original.

[3] "O termo poc é utilizado para se referir aos gays considerados mais afeminados e chamativos" (Fonte: https://www.dicionariopopular.com/poc-e-murro-na-poc/).

E, naturalmente… o novo soberano da disseminação das idéias são as redes sociais. Este é o novo campo de batalha de nossa guerra contra o fascismo.

Brancos, especialmente homens heterossexuais, provaram ser o maior mal que a humanidade jamais conheceu. De Hitler até o nosso Harry S. Truman (que jogou as bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki), até os mercadores de escravos de antigamente, ninguém faz mais mal para a humanidade do que o homem branco.

Da exploração homicida (e.g. dos Nativos Americanos e escravos Africanos), os machos brancos conquistaram status e poder nos Estados Unidos e Europa Ocidental. Nunca ceda a qualquer fantasia dos fascistas que o homem branco curou doenças, levantou povos da pobreza pelo capitalismo/democracia, ou outra falsa conquista que seja alegada por estes homens, Estes ganhos só foram alcançados pelo estupro e pelo roubo.

Assim, homens brancos heterossexuais têm um privilégio inerente em nossa sociedade. É baseado nisto que as pessoas de cor, LGTBQ, deficientes, e outros grupos que precisam de proteção, vão nivelar o jogo e formar uma Nova Ordem Mundial, ou o Governo Mundial Único. Um governo de classes protegidas do povo, para a proteção e melhoramento de toda a humanidade.

Criando uma Cultura da Tolerância

Para criar cultura de tolerância, nós devemos primeiramente eliminar todas as formas de discurso de ódio. Toda idéia que critique nosso movimento ou ao nosso modo de pensar deve ser considerada como: racista, homofóbica, misógina etc.

Nós temos os fatos e a história do nosso lado. Quando tudo o mais falhar, compare alguém a Hitler. De vez em quando, algum amigo dos nossos grupos de minoria ficará desiludido e passará a falar como conservador, ou, fascista. Apequenem estas pessoas como enganadas. Elas falam contra seu próprio auto-interesse racional.

Nossa cor, por exemplo, minha negritude, vem primeiro. Isto define quem eu sou. Negro primeiro, Americano segundo. Gay/Lésbica, primeiro, pequeno/anão segundo, Americano terceiro e assim por diante.

Rompendo as fronteiras

A maioria dos liberais[4] não é ANTIFA (ainda), mas em breve o será. Crises de refugiados, como as criadas pela situação na Síria, são a maneira ideal de atrair mais pessoas de cor (PdC) para a América. Eles precisam da nossa ajuda. Há fotos de bebês mortos que chegam às praias. Use imagens como essas para obter suporte para a expansão da população de PdC/minorias nos Estados Unidos.

Nunca chame qualquer imigrante de "ilegal", obviamente. Eles são "não-documentados".[5] Não importa se eles vieram aqui para contrabandear drogas ou se foram trazidos para cá pelos pais quando ainda tinham pouca idade. Os imigrantes do México e da América do Sul desempenharão um papel crucial nas atividades ANTIFA nos próximos 100 anos.

Até 2117, daqui a cem anos, nossa meta é fazer com que 70% da população dos EUA não seja branca. Até lá, esperamos ter subvertido a estrutura de poder[6] o suficiente para concretizar nossos fins.

Controlar a Mídia

É importante obter o controle da mídia por todos os meios necessários. Nesses estágios iniciais desse movimento, é importante não alienar nenhum homem branco heterossexual que esteja do nosso lado. Use vergonha branca e culpa branca convencem os homens em posições de poder a seguir nossos ideais. Alguns grandes conglomerados da mídia estão balançando ao nosso lado, mas não foram suficientemente longe.[7]

A mídia social [redes sociais] é a nova frente de batalha dos ideais. Já vimos antes como pudemos utilizar este meio para expulsar a maioria dos fascistas de suas plataformas. Isso deve continuar assim.

---

[4] Liberal nos EUA significa esquerdista. Já no Brasil liberal é aquele que defende o liberalismo econômico, algo que é rotulado como direita.

[5] Coincidência ou não, a grande mídia não fala mais em “imigrante ilegal” mas sim “refugiado”. Jamais falam que há uma invasão deliberada em curso na Europa e EUA. A grande mídia fala apenas que há uma “crise de refugiados”, como se tudo que está acontecendo fosse algo espontâneo, quando este *Manual* aponta para o fato que há um planejamento para levar imigrantes ilegais para o Ocidente.

[6] Ou seja, implantar o socialismo.

[7] Os eventos deflagrados com a morte de George Floyd mostraram a veracidade desta afirmação. Este ponto será melhor analisado no ensaio de Antônio Pinho que se encontra na Parte II.

Se você está procurando posições de poder na mídia, ofusque e oculte suas verdadeiras intenções nas várias plataformas de mídia social. É melhor permanecer um mistério e exercer um poder enorme do que gritar descaradamente seus pontos de vista do alto das colinas. Temos a verdade objetiva do nosso lado. Sempre proteja isso.

Use a mídia social como um bastão para dar um tapa em qualquer pessoa que tenha pontos de vista fascistas. Chame-os de racistas, homofóbicos, misóginos. Crie uma câmara de eco ao seu redor.

Muitos de nós soubemos sobre o movimento ANTIFA e obtivemos nossas opiniões nas universidades de todo o país. Isso precisa começar mais antes. Torne-se professor e eduque os jovens em idade escolar sobre os perigos do fascismo. Faça amizade com alunos vulneráveis que você suspeita terem pais fascistas. Ensine o adolescentezinho não apenas como ler bem, mas também como pensar e agir bem.

Depois de controlar firmemente as mídias sociais e a maioria das principais plataformas de mídia, é hora de começar a Operação Verdade. A maneira como muitas plataformas de mídia social funcionam atualmente é que as pessoas são expostas principalmente a pontos de vista com os quais já concordam. Isso cria um tipo de câmara de eco para esse indivíduo. No entanto, uma vez que controlemos o fluxo de informações, podemos lentamente começar a espalhar a verdade aos fascistas que rejeitem nossa ideologia. Isso deve ser feito com muito cuidado. Lentamente, no princípio. Comece sugerindo notícias, vídeos, tweets ou postagens nas quais a oposição possa acreditar. Crie novos canais na mídia que não tenham vieses progressistas já conhecidos. Converta artistas da mídia em importantes peões conscientes ou inconscientes para nossa causa.

Acredite na maneira como fazemos ou você estará fora

O próximo passo crucial é ameaçar os meios de subsistência de quem se atreve a falar contra a nossa agenda. Afinal, são fascistas claramente racistas, homofóbicos ou misóginos. Você não pode administrar uma empresa com alguém assim no seu meio.

Uma vez que atingirmos esse objetivo, estaremos próximos de saborear nossa vitória, mas ainda temos que ir muito além para alcançar nossos objetivos.

O temor pelo sustento é claramente um grande motivador. Os homens brancos fascistas começarão a se esconder nas sombras. Eles podem estar online nos

fóruns de mensagens e na mídia clandestina, mas terão medo de falar usando sua própria voz e nome, por medo de serem rotulados de fanáticos.

Muitos senhores fascistas corporativos ainda existem e oferecerão a alguns desses semeadores de ódio um lugar para trabalhar. Mas é apenas uma questão de tempo até que nossas fileiras se infiltrem mais nas empresas (que toleram esse discurso de ódio de seus funcionários).

Segunda fase: Socialização do Capital

Nunca revele nosso objetivo final, porém, o próximo passo óbvio quando controlamos a mídia é a socialização do capital.[8] Obviamente, isso exigirá grande poder político. Com, esperançosamente, 70% de pessoas de cor neste país, podemos começar a ter uma chance nesses fins.

Obviamente, começamos com cuidados de saúde.[9] Afinal, é um direito humano básico. Todo mundo conhece alguém que morre de câncer ou que ficou doente de alguma forma. O Obamacare foi melhor do que o que tínhamos antes, mas foi construído com o consentimento dos lobistas da área da saúde. Agora, precisamos de uma fonte única de pagamento.

Os americanos aceitaram que está tudo bem ficarem trancados em uma gaiola em vez de não pagarem seus impostos. Não importa, a maior parte do dinheiro arrecadado vai para o complexo industrial militar e se envolve no imperialismo no exterior. Guerras contra pessoas pardas que vivem sobre terras ricas em petróleo.

À medida que pessoas de cor, LGBTQ, pessoas sem expressão, deficientes, muçulmanos e outras classes minoritárias se tornam lentamente a maioria, votaremos naturalmente em políticos pró-ANTIFA para os cargo no governo, pois isso é nada mais que do nosso próprio interesse.

Após os planos de saúde, o próximo alvo da socialização será obviamente a mídia.[10] Use uma das únicas ferramentas do governo contra as grandes

[8] Ou seja, implantar uma economia socialista.

[9] Isso envolve criar uma espécie de SUS nos EUA. Esse era justamente um dos pontos do plano de governo da Hilary Clinton na eleição que ela perdeu para Donald Trump.

[10] Neste plano, portanto, primeiro colocarão a saúde sob poder estatal, e depois isso ocorrerá com a mídia.

corporações: leis antitruste e antimonopólio - para dividir a mídia em entidades controladas pela ANTIFA, de propriedade dos trabalhadores.[11]

Atualmente, apenas as classes média-alta e alta aproveitam os benefícios de Wall Street e tudo o que isso tem a oferecer. Se os trabalhadores possuíssem e controlassem seus próprios negócios, todos ganhariam (exceto os CEOs grandes e gordos que estariam sem emprego).

Teremos que aumentar gradualmente as alíquotas de imposto tanto na classe média de 1% quanto da média para a classe média-alta para alcançar nossos objetivos. Aumente o salário mínimo para um salário razoável, especialmente em lugares como São Francisco, Los Angeles e Nova York. Construa casas para os desabrigados e confisque propriedades hipotecadas dos bancos para dar aos desabrigados.

Após a mídia, bancos e finanças serão nosso próximo alvo, seguidos por tecnologia e manufatura.

Uma coisa da qual devemos ter certeza é nunca deixar o homem branco se desculpar de suas obrigações conosco, fazendo as chamadas "reparações". Esse tempo certamente passou e daria ao homem branco heterossexual condições de se desculpar para não de ceder às nossas demandas. "Oh, nós damos a Jamal cem mil dólares em reparações há dois anos, não precisamos ajudá-lo agora que ele é um viciado em crack sem dinheiro na rua agora", eles certamente dirão.

Acelerando o progresso

Para alcançar nossos objetivos, existem algumas táticas que devemos usar para acelerar o caminho do progresso. É sabido que os brancos nos Estados Unidos não estão produzindo tantos filhos quanto os não brancos. É importante tornar o aborto *on demand* [sob demanda] e sem desculpas, disponível majoritariamente em comunidades predominantemente brancas. Precisamos aumentar o acesso ao controle de natalidade nessas comunidades e usar a mídia para divulgar a imagem de brancos sem filhos como sexy e descolada. Enquanto isso, os fascistas à direita continuarão tentando restringir o acesso a abortos *on demand*. Os brancos da classe média tendem a ter a capacidade de pagar, mesmo em viagens fora do estado, para abortar seus fetos. Atualmente, as comunidades pobres predominantemente de cor têm pouca escolha a não ser manter um bebê por um longo período. Mesmo se enviadas para o sistema de adoção,

[11] No Brasil o PT tinha planos exatamente iguais quando falava eufemisticamente em projetos para a "regulamentação da mídia". Na verdade a intenção era colocar toda a mídia sob controle do Estado.

essas crianças um dia estabelecerão as bases para nossa eventual Nova Ordem Mundial e Um Governo Mundial.

Terceira fase: Nova Ordem Mundial

Imagine um mundo livre de ódio e fanatismo. Imagine um mundo onde você nunca mais precisará ser chamado de negro. Imagine um mundo onde você pode ser tão gay quanto quiser, e não ser chamado de “chupador de pica”. Onde as idéias ANTIFA reinam supremas e todo discurso odioso e microagressivo é erradicado.

Uma maneira de fazer isso será marcar (ou usar microchip) todos os seres humanos no planeta, e eles o farão voluntariamente. Use o disfarce do entretenimento e outros benefícios para atrair as pessoas para este fim. Esse chip, embutido na mão ou no pescoço, permitirá que os reguladores aprovados pela ANTIFA monitorem os cidadãos do mundo. As informações acessíveis (agitando uma varinha a alguns metros de distância do chip) seriam: conteúdo de DNA (incluindo percentual de cor, desvantagens genéticas etc.), tendências políticas (pontuadas em publicações anteriores nas mídias sociais)[12], ganhos, associados conhecidos, status ANTIFA etc. Devemos garantir que apenas os reguladores aprovados pela ANTIFA possam acessar esses dados, para não desviarmos nós mesmos para o fascismo.[13]

Assim, com um aceno de mão, seria possível dizer se essa pessoa de aparência vagamente bege pode usar o termo “nego” [nigga, no original em inglês][14].

Por exemplo, no léxico do rap, é popular dizer: “onde estão meus manos? Eu tenho putas em diferentes códigos de área”.[15] Embora claramente misógina, uma pessoa de cor tem o direito de usar o termo "nego". Os reguladores da ANTIFA terão que determinar um limite percentual aceitável de cor no DNA de uma

[12] O chamado “crédito social” - a atribuição de uma pontuação para cada um com base no seu comportamento - já é realidade na China. Por meio do uso de câmeras com reconhecimento facial e outras ferramentas tecnológicas de monitoramento, computadores com Inteligência Artificial atribuem uma pontuação a cada pessoa na China. Uma baixa pontuação leva a pessoa a ter várias limitações, como proibição a viagens.

[13] Temos aqui a perfeita descrição de um governo totalitário tecnológica, algo que já é realidade na China.

[14] A palavra *nigga* é uma derivação de *nigger* (negro). É usada entre negros americanos nos guetos para se referir a um outro negro. O uso deste termo por um não negro é considerado agressivo, ou mesmo um ato de racismo. Apesar de não passar a mesma ideia do termo original, usamos a gíria “nego” para traduzir *nigga*.

[15] Referência à letra da música *Area Code*, do rapper norte-americano Ludacris.

pessoa que torne aceitável o uso do termo "nego". Se você tem apenas 17% de ascendência africana, talvez não seja bom usar esse termo.

E certamente se você tem 1% ou menos de ascendência africana, isso é problemático, embora alguns asiáticos negros possam se safar apenas por causa da escuridão do tom de pele. No entanto, se alguém de, digamos, 80% de descendência caucasiana tentar usar a palavra negro estará claramente violando o discurso do crime de ódio. Embora a prisão seja claramente uma punição muito severa para um indivíduo assim, o rebaixamento de status, poder e renda não estaria fora de questão e deveria ser a norma.

A questão do uso da força para alcançar nossos objetivos é complicada. Sempre grite contra oponentes fascistas. Interrompa seus discursos, contrarie seus comícios. Temos que forçar a mídia a mostrar nosso lado como o justo que é. Quando se trata de terror, não toleramos assassinatos em massa. No entanto, uma pequena maioria das pessoas que são muçulmanas decidiu se explodir por sua causa. Claramente, este é o resultado de centenas de anos de intervenção ocidental por homens brancos heterossexuais em sua cultura. Osama Bin Laden não teria atacado as torres gêmeas e o Pentágono se não tivéssemos lançado bombas atômicas no Japão na Segunda Guerra Mundial, por exemplo.[16] Os palestinos são claramente vítimas e têm pouca ou nenhuma escolha do que vingar a morte de seus parentes nas mãos do governo israelense. Não se engane - os judeus são uma classe protegida de pessoas, mas não toleramos a agressão israelense contra os palestinos.

Quarta fase: Um Governo Mundial Único

Nosso movimento acabará se espalhando para outras nações - de fato, isso já começou. Alguns povos se mostrarão excessivamente resistentes à nossa marca de ANTIFA, como aqueles que tiveram experiências ruins com comunismo ou com estados socialistas fracassados. Não se engane - vamos prevalecer onde outros falharam. A sede de seus líderes por status, poder e riqueza acabou levando-os a criar camadas de poder cheias de funcionários estatais corruptos. A ANTIFA tem o poder das pessoas do nosso lado (ou teremos) e não sucumbirá a esse destino.

É natural que as ideologias que defendemos se espalhem pelo mundo. Os africanos famintos finalmente serão tirados da pobreza quando redistribuirmos a riqueza dos 1% ocidentais para eles (e nossos irmãos e irmãs aqui em casa).

[16] As bombas atômicas da II Guerra Mundial e os atentados terrorista de 11/11: que relação de causa e efeito há nisso? Os japoneses não possuem grupos terroristas que atacam os EUA.

Navios porta-contêineres, um após o outro, serão convertidos em enormes navios de cruzeiro e transportarão pessoas marrons em situação de pobreza de todo o mundo para os (antigos) Estados Unidos e Europa Ocidental. Os empregos florescerão em abundância em todas as empresas pertencentes aos trabalhadores do mundo. Aqueles que não trabalharem receberão uma bolsa e um suprimento ilimitado de opiáceos, maconha, metanfetamina e cocaína para ocupar seu tempo livre.[17]

Parece bom demais para ser verdade? Não é. É por isso que estamos lutando. É nisso que acreditamos. NÓS SOMOS ANTIFA. SE VOCÊ ESTÁ CONOSCO, OU É FASCISTA.

[Por favor, não distribua este material para homens brancos heterossexuais, não PoC, não-LGBTQ, etc. Use o bom senso.]

[17] Algo que lembra a obra *Admirável mundo novo* de Aldous Huxley, na qual a droga soma é largamente distribuída para o entorpecimento e controle da população. .

Parte 2 - Estudo crítico

Movimento Antifa: uma nova estratégia comunista para a Revolução Mundial

Por Antonio Pinho

O *Manual Antifa* propõe uma atualização da clássica filosofia marxista da luta de classes. No marxismo clássico, o grande motor da história é conflito entre duas classes sociais antagônicas: proletariado e burguesia, sendo os burgueses a classe exploradora e o proletariado a classe explorada.

Coube a burguesia, em suas revoluções, como a Revolução Francesa, destruir o Antigo Regime, no qual havia a hegemonia das monarquias absolutistas, e instaurar as monarquias constitucionais, com parlamentos e governos burgueses. O próximo passo da evolução político-social seria a ascensão do proletariado enquanto classe revolucionária, que destruiria a burguesia e tomaria o poder, tal como a ascensão da burguesia destruiu a aristocracia e o poder absolutista do rei. Marx via assim a moderna história da Europa.

No fundo, o comunismo, baseado em conceitos como a luta de classes, é uma estrutura de pensamento simples, mas que teve (e ainda tem) imensos impactos na História Mundial desde meados do século XIX, quando Karl Marx elabora a sua filosofia, o sustentáculo intelectual e ideológico para a Revolução Comunista Mundial.

Uma das principais frases do pensamento marxista é a que abre o *Manifesto do Partido Comunista*: "A história da sociedade até hoje é a história da luta de classes" (Marx; Engels, 1989[1848], p. 66). No clássico texto do *Manifesto*, entende-se que o mundo só progride por meio da luta de classes, e o que marcaria a modernidade seria a luta entre a classe burguesa e a classe proletária. Deste conflito seria deflagrada a Revolução Comunista Mundial, modificando - e supostamente "corrigindo" - radicalmente a sociedade humana, criando uma Nova Ordem Mundial Comunista. Nessa Nova Ordem, ocorre a abolição da propriedade privada e a destruição da classe burguesa, aquela que detém os meios de produção, as fábricas. Deste modo, a revolução comunista prega abertamente a destruição da "classe empresarial", como falamos atualmente, e o confisco de suas propriedades pelo Estado, o qual é a expressão

do proletariado organizado em classe governante por meio do Partido Comunista.[18]

Essa forma de ver a história humana tem sofrido várias críticas ao longo da existência do marxismo. Do ponto de vista histórico, ver a história como uma eterna luta de classes antagônicas é um grande erro, ou melhor, é uma simplificação grotesca da complexa dinâmica da história humana. É da natureza humana muito mais a cooperação, do que o conflito. As pessoas naturalmente se associam para seu bem mútuo. Essa é a base sobre a qual se ergue a economia das nações, na cooperação, e não numa eterna guerra entre inimigos. A guerra é a exceção e ocorre quando a cooperação dá errado. Marx, ao teorizar sobre a luta de classes, toda a exceção por regra.[19]

Até mesmo H. G. Wells, escritor famoso e socialista fabiano[20], foi crítico da visão simplista e dicotômica do marxismo sobre a sociedade:

> Economistas acadêmicos - especialmente Marx e seus seguidores - [...], com uma pompa idiota de sabedoria prática, insistem em iniciar sua argumentação com uma aceitação não crítica do antagonismo comum entre empregadores e empregados e uma longa ladainha sobre lucros e salários. (Wells, 2016, p. 73)

Mais adiante, H. G. Wells prossegue em suas severas críticas ao marxismo: "Na prática, o marxismo funciona como um recurso pronto para atividades malignamente destrutivas, e sua falta de criatividade é tão grande quanto sua impotência em face das dificuldades materiais" (p. 91).

Wells também é cético com relação à doutrina marxista de que o proletário irá inevitavelmente se revoltar contra os burgueses destruindo esta classe

---

[18] No marxismo, portanto, há uma fusão completa entre o Estado e o Partido Comunista. Ou seja, nas nações comunistas o Partido Comunista é o próprio Estado.

[19] Não quero aqui dizer que guerras, lutas, conflitos e disputas sejam eventos raros, pelo contrário. Mas se fossem mais frequentes do que a cooperação não haveria economia e, consequentemente, não existiria a sociedade humana, apenas teríamos a barbárie e o caos completo. Mesmo na guerra se faz necessária a cooperação entre aqueles que integram o mesmo exército.

[20] O Socialismo fabiano é uma vertente do socialismo nascido no final do século XIX na Inglaterra. A Sociedade Fabiana, fundada em 1884, da qual H. G. Wells fez parte, é a entidade que promove até hoje essa ideologia. A abolição da propriedade privada e a instauração de um Governo Mundial são os grandes objetivos que comunistas e socialistas fabianos têm em comum. O que diferencia o socialismo fabiano do comunismo é muito mais uma questão dos métodos de transformação da sociedade do que as grandes pautas que ambos os grupos defendem. No Brasil o PSDB, sob a liderança de Fernando Henrique Cardoso, é o grande representante do socialismo fabiano. Grande parte daquilo que a Sociedade Fabiana defende há mais um século, atualmente, faz integra a agenda dos grandes grupos globalistas. Sobre o socialismo fabiano ver, entre outros, Rockwell (2016).

violentamente. Como bom seguidor do credo do socialismo fabiano, Wells acreditava que a revolução, pelo contrário, será fruto da ação coordenada da elite a longo prazo. A história confirmou a veracidade deste pensamento de Wells. De fato, foram os bilionários que financiaram os grandes movimentos revolucionários - nazismo e comunismo - ao longo do século XX.

O conceito de luta de classes levanta uma série de problemas. O primeiro é o próprio conceito de classe. Como definir objetivamente o que é classe social? Atualmente não é mais possível definir as classes sociais, como admite Jacques Attari, em uma biografia recente de Marx.

> Não é mais possível definir as classes sociais; burguesia e proletariado não são mais dois grupos sociais em oposição absoluta; os próprios assalariados dividem-se em grupos cada vez mais nuançados; alguns deles tornaram-se acionistas; executivos administram empresas sem ser seus proprietários e se apropriam de uma parte do lucro, os inovadores e os artistas ganham importância financeira. Paralelamente ao dinheiro, o conhecimento torna-se um capital determinante; é dele que depende uma parte considerável do lucro, e é impossível medir o custo de produção de um objeto pelas horas de trabalho necessárias para produzi-lo. Finalmente, a medida da mais-valia torna-se cada vez incerta. (Attari, 2007, p. 415)

Outro problema conceitual gigantesco é o pressuposto marxista de que o pertencimento a uma classe social determina a forma de pensar do indivíduos. Sustentar este determinismo é fundamental para sustentar o conceito de luta de classes. Esta relação problemática entre classe e ideologia é alvo, com toda razão, da crítica de pensadores liberais, como Mises. O economista Rodrigo Constantino, comentando uma obra de Mises - o livro *Teoria e história* -, faz as seguintes críticas ao conceito de classes:

> Por fim, resta questionar como o marxismo lida com as constantes mudanças de classe social. Essa mobilidade é especialmente maior onde há mais liberdade econômica. Empregados conseguem capital e criam seus próprios negócios, tornando-se empresários. Por outro lado, capitalistas vão à bancarrota e perdem tudo, tendo que arrumar algum emprego qualquer. O que ocorre com suas idéias durante esse processo de mudança? Já que é a classe social que determina as idéias, um proletário que se torna um capitalista altera automaticamente suas crenças? Um capitalista que vira empregado muda todas as suas idéias? Como ficam aqueles intermediários, administradores de grandes empresas, que não deixam de ser

> empregados, mas que recebem salários maiores do que o lucro de muito capitalista? (Constantino, 2014)

Se não é possível abordar com objetividade o conceito de classe - dada a fluidez entre as classes sociais - e se não existe uma relação de causa e efeito entre pertencimento a uma classe e a ideologia do sujeito - com a pretensa existência de uma "ideologia de classe" -, portanto, o conceito de luta de classes é objetivamente falso, e só funciona como recurso retórico para uso de certos partidos políticos.

Em suma, o *Manual Antifa* atualiza a clássica visão marxista da luta de classes. Apenas são trocados os agentes históricos. Não há mais o conflito entre burguesia e proletariado. O burguês é substituído pelo "homem branco heterossexual", e o proletário dá lugar às chamadas "minorias": negros, gays, deficientes e imigrantes. Desta forma, o movimento Antifa não representa uma ruptura com o movimento comunista. Os Antifas são, antes, a continuação e atualização da antiga tática comunista de ação revolucionária diante das novas demandas sociais - com o mundo vivendo a 4ª revolução industrial baseada na alta tecnologia digital -, em que não faz mais sentido ver a sociedade dividida entre proletários e burgueses.

Nesta atual fase do movimento comunista, sob a égide dos Antifas, um burguês pode ser um antifa, e um proletário "branco e heterossexual" é entendido automaticamente como sendo um "fascista".

No marxismo clássico o proletário é a classe revolucionária, aquele grupo social que tomará a liderança da Revolução Mundial comunista. Com a Escola de Frankfurt, que é um importante desdobramento do pensamento marxista, e o nascimento da Nova Esquerda, nos anos 1960, a figura do proletário é substituída pela figura das minorias. Os gays, imigrantes e negros são elevados à condição de protagonistas na revolução comunistas internacional.

Assim, o movimento Antifa é uma união - ou síntese dialética - entre a Nova Esquerda, que elevou as minorias à classe revolucionária, com o marxismo clássico, com seu *modus operandi* violento. Marx, Engels, Lenin e Stalin pregavam explicitamente a tomada de poder violenta para promover a revolução comunista - "o proletariado funda sua dominação com a derrubada violenta da burguesia" (Marx & Engels, 1989 [1848], p. 77). Do mesmo modo, como pudemos ver nos protestos de maio/junho de 2020 nos EUA, a forma de ação pública dos grupos Antifas é claramente violenta, apelando para o vandalismo e para a agressão física de seus opositores.

O que muda entre o marxismo clássico e o movimento Antifa é o fado de que os comunistas antigamente pregavam a guerra para a destruição do "mundo

burguês". Já os Antifas defendem uma destruição da atual sociedade desde dentro, por infiltração no governo, na mídia e no sistema educacional, algo que se assemelha muito à estratégia gramsciana da revolução comunista, que ocorre pela tomada da cultura, e não mais por meio de ações bélicas.

A atividade intelectual como ferramenta revolucionária

O marxismo é o ponto culminante de um processo de desenvolvimento do pensamento ocidental em conceber a filosofia, e toda atividade intelectual, de forma mais ampla, como uma ferramenta para a transformação do mundo. Esse processo vem do iluminismo, que deu a sustentação intelectual para a Revolução Francesa e, consequentemente, para a destruição do Antigo Regime. Desde então, para muitos a atividade intelectual deve necessariamente ser voltada para a justificação ou planejamento de ações para mudanças drásticas - portanto revolucionárias - nas sociedades. O movimento Antifa, com seu plano de mudança radical na ordem de todas as coisas, apenas atualiza essa lógica que concebe a atividade intelectual como tendo sentido se apenas estiver voltada para a ação política revolucionária, dentro da qual a "velha sociedade" deve ser destruída e substituída por uma utopia (o *Manual Antifa* é claro em prometer uma utopia na Terra dentro de um século). Em linhas gerais, neste aspecto, o movimento Antifa não inova em relação às fases anteriores do movimento comunista.

Muitos filósofos criam seus sistemas utópicos, a iniciar com Platão, com sua república ideal governada por reis filósofos. Mas o próprio Platão sabia que em seu tempo seria praticamente impossível aplicar na esfera social suas ideias teóricas sobre como a sociedade humana idealmente deveria ser organizada. Os escritos de Platão sobre a sociedade ideal estão muito mais na clave da especulação do que na formulação de um plano de ações concreto a ser aplicado pelos membros de um grupo engajado em revolucionar as bases da organização social. O mesmo aconteceu com pensadores como Thomas More, autor da célebre obra *Utopia*, e Tommaso Campanella, que na obra *A cidade do Sol* também propõe sua sociedade ideal. Estes pensadores eram especuladores, e não reformadores sociais. O objetivo de pensadores da linha de Platão era muito mais em entender o mundo e a sociedade humana do que transformá-la.

Isso muda totalmente com Marx, que via o pensamento apenas como ferramenta para mudar o mundo. Em Teses contra Feuerbach, Marx é explícito nesta postura ao afirmar que "Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo diferentemente, cabe transformá-lo" (p. 59). Para Leo Strauss, "eis aí, de fato, a raíz de todo o mal" (Strauss & Voegelin, p. 99). Ou seja, neste pensamento está a

raíz de boa parte dos males políticos, os quais encontram fundamento nesse tipo de erro filosófico: louvar a primazia da transformação do mundo (na prática, sua subversão destrutiva) sobre a compreensão da realidade tal como ela é.

Esta afirmação das *Teses contra Feuerbach*, que é uma das frases mais conhecidas de Marx, clarifica muito do que é a mentalidade revolucionária: um constante inconformismo com o atual estado de coisas e uma incontrolável vontade de destruir completamente a ordem social para substituí-la pela utopia. Esta máxima de Marx impregnou-se tanto na cultura que muitos intelectuais não marxistas também acabam se preocupando muito mais em transformar a ordem social do que compreendê-la. Tal mentalidade, consequentemente, tem claras implicações políticas, quando boa parte dos políticos, seja de que linha ideológica for, pensam mais em transformar do que preservar.

O *Manual Antifa* ecoa claramente as palavras de Marx quando propõe uma transformação radical na sociedade humana em escala planetária. Não há dúvidas, portanto, que o movimento Antifa insere-se plenamente na tradição marxista. O atual movimento Antifa, inclusive, está muito mais próximo do marxismo clássico - em questões teóricas e práticas - do que movimentos políticos como a Nova Esquerda.

O problema do polilogismo

Para o movimento Antifa algo é muito claro: a lógica do "homem branco heterossexual" é diferente da lógica das "minorias". Este ponto é central no *Manual Antifa*. Como pertencem a universos lógicos totalmente diferentes e desconectados, não há diálogo possível entre alguém do movimento Antifa e um "homem branco heterossexual". Pelo menos isso é o que proclama o *Manual* aos seus militantes.

A não existência de uma lógica universal, comum a todos os seres humanos, é um dos aspectos mais importantes do marxismo. Esta questão foi chamada de polilogismo por Mises, que no livro *Ação humana* estudou profundamente este tema.

De acordo com Mises, "Desde tempos imemoriais, os homens, ao pensar, falar e agir consideraram a uniformidade e imutabilidade da mente humana como um fato inquestionável. Toda investigação científica estava baseada nessa hipótese" (2010, p. 25). Na verdade, isso é válido também para a filosofia clássica, para a filosofia cristã medieval e para os maiores pensadores anteriores ao iluminismo. É inconcebível pensar num Platão ou num Aristóteles dizendo que a racionalidade humana é diferente nas diferentes classes sociais. Platão é conhecido também por ter defendido a teoria das ideias inatas, segundo a qual

todo ser humano já nasce com uma série de conhecimentos que não provêm da experiência. Platão, inclusive, tentou mostrar, num de seus diálogos, que mesmo um escravo tem várias intuições abstratas sobre geometria.

Em suma, para o pensamento ocidental clássico, como aponta Mises, há uma mente humana que é universal, independente do tempo, lugar, raça ou quaisquer outros fatores externos. Há uma racionalidade e uma lógica que é comum a todos humanos. Essa é uma das bases sobre a qual construiu-se o pensamento Ocidental e a ciência moderna. Se não houvesse uma mente humana universal seria impossível formular hipóteses e leis científicas com validade universal, por exemplo. Sem o pressuposto de uma racionalidade humana universal toda lei científica seria sempre uma questão de "ponto de vista".

Tanto o marxismo clássico como o movimento Antifa não creem que há uma lógica e racionalidade universais; são, portanto, movimentos anti-racionalistas. Segundo o *Manifesto do Partido Comunista*, de Marx e Engels, as "próprias ideias são um produto das relações burguesas de produção e de propriedade" (p. 83). Ou seja, para o marxismo, os burgueses pensam como pensam porque são burgueses. As condições materiais em que vivem - sua classe social - determinam seu pensamento. "O marxismo afirma que a forma de pensar de uma pessoa é determinada pela classe a que pertence. Toda classe social tem sua lógica própria" (Mises, 2010, p. 25).

Não vamos aqui tecer longas críticas a isso. Mas são inúmeros os problemas dessa teoria. Quando um indivíduo enriquece e passa da condição de proletário para burguês, ele também muda seu modo de pensar? Como isso acontece? Quanto dinheiro é necessário uma pessoa possuir para pensar como burguês? Ou quão pobre é preciso ser para ter a mentalidade proletária? Como Marx e Engels, indivíduos claramente burgueses, puderam descobrir como o proletariado pensa? Poderíamos continuar levantando vários outros problemas decorrentes do polilogismo, e tentar respondê-los certamente ocuparia centenas de páginas, o que está fora do objetivo deste estudo.

"Fascismo não se debate, fascismo se destrói", esta é uma conhecida frase do anarquista espanhol Buena Ventura Durruti, a qual, inclusive, é citada como epígrafe do livro *Antifa: o manual antifascista*, de Mark Bray. Por trás desse tipo de pensamento vislumbramos o polilogismo. Segundo esse pensamento, não é possível dialogar com um "fascista" simplesmente porque sua lógica de pensamento é totalmente incompatível com a lógica "antifascista". Da mesma forma, um marxista clássico poderia perfeitamente dizer que "não se dialoga com a burguesia, a burguesia se destrói". Afinal, a completa destruição do mundo burguês é uma das principais metas do comunismo, assim como a

destruição do “homem branco heterossexual” é o objetivo final do movimento Antifa.

Contudo, o polilogismo Antifa é um polilogismo racial, tal como a ideologia nazista o era, como aponta Mises em *Ação humana*. Já o polilogismo do marxismo clássico tem aspectos bem diferentes, pois é a questão da classe social, e não a raça, que determina a forma de pensar do indivíduo. Além de racial, a ideologia Antifa tem um polilogismo sexual - o comportamento sexual de alguém determinaria sua forma forma de pensar -, algo não visto por Mises quando comentou sobre a ideologia nazista/fascista no livro *Ação humana*. Até por que esta obra é anterior a revolução sexual. Se alguém é homossexual, transexual ou integrante de alguma outra minoria sexual, essa pessoa automaticamente é bem aceita pelo movimento Antifa.

Deste modo, por defender um polilogismo racial, ironicamente, neste aspecto, a ideologia antifascista tem fortes características fascistas quando defende que o fator racial determina a forma de pensar de alguém, bem como sua ação política na sociedade. São antifascistas com uma ideologia com características fascistas. É um exemplo verdadeiro do duplipensar orwelliano

A difusão do polilogismo gera uma série de graves problemas na sociedade. Primeiramente, deixa de ser possível a existência de um saudável e racional debate público. Qualquer fala de um conservador é de saída tachada de “fascista” pela esquerda, e seu conteúdo logo é classificado como “discurso de ódio”. Não se debate o conteúdo das falas, mas quem fala, ou melhor, se ataca quem fala. Desta forma, o debate público converte-se em troca de xingamentos. Isso leva ao nascimento de uma *sociedade fraturada* entre grupos antagônicos - esquerda versus direita -, com lógicas diferentes, entre os quais qualquer forma de diálogo e/ou cooperação torna-se impossível. Assim vemos a ascensão de uma sociedade em que inexiste o debate público, e na qual a esfera política é uma interminável “guerra de narrativas e ideologias” com sucessivas crises. A história recente do Brasil e dos EUA exemplificam muito bem isso.

O mais comum é que um esquerdista veja um conservador como um inimigo a ser destruído, e não como um mero adversário com o qual se dialoga. Assim, não há mais a convivência civilizada entre diferentes grupos políticos, cada qual aceitando a existência do outro, bem como a alternância no poder com os adversários políticos. É assim que as coisas funcionam (ou funcionavam) nas democracias liberais ocidentais.

Cada vez mais fica claro que os diferentes grupos de esquerda e de extrema-esquerda, no interior das democracias liberais, estão sendo absorvidos

pelo movimento Antifa[21], e com isso amplia-se o polilogismo e a atitude beligerante destes grupos radicais, que não aceitam a existência de grupos e governos conservadores ou liberais.

De fato, tal sociedade fraturada, em que impera o polilogismo, tem consequências até na linguagem. Conservadores, liberais e esquerdistas acabaram, nos últimos anos, desenvolvendo vocabulários próprios. A esquerda adotou de forma incondicional o vocabulário politicamente correto. Não falam mais "prostituta, cego, aleijado, preto e retardado", mas sim "profissional do sexo, deficiente visual, deficiente físico, afrodescendente e deficiente mental". Chega-se ao cúmulo de criminalizar o uso de certas palavras e até mesmo certas piadas. Destrói-se, assim, a liberdade de expressão.

A semântica do uso da palavra *democracia* é um bom exemplo para vermos como há um verdadeiro abismo entre os diferentes universos políticos. A palavra democracia significa coisas totalmente diferentes na boca de conservadores e liberais, de um lado, e esquerdistas, de outro.

Para a esquerda e extrema-esquerda, democracia é a hegemonia do poder de partidos socialistas/comunistas; ou seja, quando defendem a democracia, na verdade, estão promovendo a ditadura do Partido, a qual implica na completa destruição de conservadores e liberais.[22] Por outro lado, para estes, democracia significa a existência pacífica e livre de diferentes grupos políticos, que se alternam no poder. Para conservadores e liberais, fascismo é uma ideologia que dominou a Itália e Alemanha, sob Mussolini e Hitler, na primeira metade do século XX, e que foi destruída na II Guerra Mundial. Já para a esquerda e extrema-esquerda (Antifas), fascista é qualquer um que não é Antifa. Para estes, para ser fascista basta ser "homem, branco e heterossexual" e discordar publicamente do movimento Antifa. Assim, fascismo tornou-se uma palavra sem sentido objetivo algum, tornando-se mero xingamento usado contra conservadores e liberais.

Infelizmente, o polilogismo tornou as sociedades ocidentais politicamente doentes, em constante clima de conflito, na qual há um imenso abismo intransponível entre conservadores e liberais, de um lado, e Antifas (comunistas, socialistas e esquerdistas em geral) de outro.

---

[21] No final de maio de 2020, após a morte de George Floyd, que foi usada como estopim para as manifestações anti racistas nos EUA e em várias nações do Ocidente, vários grupos e partidos de esquerda manifestaram adesão e/ou apoio ao movimento Antifa.

[22] Para Stalin, democracia proletária é sinônimo de ditadura do proletariado. Sobre isso ver *Fundamentos do leninismo*, de Josef Stalin.

Mídia, escolas e universidades: aprofundando o controle

O Manual Antifa afirma que é necessário dominar três instituições para garantir seu projeto de poder e de radical transformação da sociedade: mídia, escolas e universidades. Vejamos o que o próprio *Manual* fala sobre isso:

1) Mídia: "É importante obter o controle da mídia por todos os meio necessários";
2) Escolas: "Muitos de nós soubemos sobre o movimento ANTIFA e obtivemos nossas opiniões nas universidades de todo o país. Isso precisa começar mais antes. Comece a ensinar como profissão. Eduque os jovens em idade escolar sobre os perigos do fascismo."

Sobre o controle das universidades, o próprio *Manual* admite, no trecho que acabamos de citar, que os Antifas já têm grande influência neste meio, afinal confessam que muitos deste movimento foram recrutados nas universidades.

É truísmo afirmar, que na atualidade, diversas áreas acadêmicas - especialmente as chamadas "ciências humanas" - possuem uma hegemonia do pensamento de esquerda. Em departamentos de história, sociologia, filosofia, literatura, pedagogia, entre outros, a simples realidade empírica mostra que é praticamente um "ato herético" adotar a postura pública de conservador ou liberal. Casos de perseguição ideológica contra conservadores e liberais, no ambiente universitário brasileiro, tem sido reportados até por jornais da grande mídia[23].

[23] Um exemplo é o jornal *Gazeta do Povo*, publicação centenária do Paraná. Este jornal tem relatado vários casos dessa natureza. Por exemplo: "Perseguidos, universitários de direita contam suas histórias" (https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/perseguidos-universitarios-de-direita-contam-suas-historias/), "'Polícia ideológica' e perseguição política: ambiente sombrio em universidade cearense" (https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/policia-ideologica-e-perseguicao-politica-ambiente-sombrio-em-universidade-cearense).

Eu mesmo sofri graves ataques por motivo político-ideológico por duas vezes no ambiente universitário. O primeiro caso, ocorrido em 2013, foi noticiado aqui: https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/historico-veja/perseguicao-ideologica-na-ufsc/. O segundo caso de assédio moral, ocorrido em 2020, pode ser conferido aqui: https://ndmais.com.br/educacao/professor-relata-ameacas-apos-pedir-retorno-das-aulas-na-ufsc-ambiente-toxico/. Nos dois casos a universidade encontrava-se sob administração de pessoas declaradamente socialistas.

Contudo, não são poucos que negam a existência de uma hegemonia ideológica socialistas em certas áreas acadêmicas. Quem nega, obviamente, via de regra, tem afinidades com o pensamento socialista.

Para não ficar dúvida, vejamos alguns dados. Há, inclusive, alguns estudos quantitativos sobre isso. Um estudo de 2018 mostrou que 85% dos professores de história são de esquerda.[24] Este estudo foi feito tomando como base professores dos países do Mercosul, o que nos dá uma visão bem mais ampla do fenômeno.

Estudos também têm apontado que uma minoria dos jornalistas, que obviamente são formados por universidades, são conservadores ou liberais. Um exemplo é o estudo *"Quem é o jornalista brasileiro? Um perfil da profissão no país*", feito pelo Programa de Pós-Graduação de Sociologia Política UFSC em colaboração com a FENAJ. Este estudo entrevistou 2.731 jornalistas de todo o Brasil e revelou um importante quadro da situação sócio-política dos profissionais de jornalismo. Metade dos jornalistas se declararam de esquerda, e apenas pouco mais de 10% podem ser enquadrados como conservadores ou liberais.[25] O forte viés de esquerda é mesmo admitido por pessoas que atuam na chamada grande mídia.[26]

Em 2017 ocorreu um importante fato que apenas confirmou uma verdade já observada por muitos. Um importante membro da grande mídia fez uma confissão relevante sobre esta questão. O editor executivo do jornal *Folha de São Paulo* reconheceu publicamente que a redação deste jornal é composta pela "elite da esquerda".[27]

Um levantamento feito nas cinco melhores universidades brasileiras mostrou que há muito mais livros de esquerda do que obras de autores conservadores e liberais. A proporção de livros de esquerda sobre livros de direita é de 4,2 para 1, ou seja, há 4 vezes mais livros de esquerda do que de direita nas bibliotecas das cinco principais universidades brasileiras. Este levantamento revelou que há

---

24 https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/estudo-85-dos-professores-de-historia-sao-de-esquerda-5fdaah5yrtneczgck9qhb6ia1/

25 Infelizmente este estudo usou categorias como "extrema-esquerda, esquerda, centro, direita e extrema-direita". Entendemos, dada a grande confusão no uso de terminologias, que os jornalistas classificados como "direita e extrema-direita" são liberais ou conservadores.

26 https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/afinal-imprensa-tem-ou-nao-vies-de-esquerda/

27 http://www.ilisp.org/noticias/editor-executivo-da-folha-admite-que-jornal-e-formado-pela-elite-de-esquerda/

"17.376 mil obras de esquerda conta 4.091 de direita".[28] As bibliotecas universitárias refletem, por exemplo, as obras estudadas nos cursos de graduação e pós-graduação. Este dado que, por si só, é extremamente relevante para compreender o que está acontecendo em nosso ambiente cultural.

Chegamos, assim, ao controle das escolas. Ora, ao menos no Brasil, com a hegemonia da pedagogia socialista de Paulo Freire, por décadas existe o predomínio de apenas um viés ideológico na educação. Tal situação tem origem nas faculdades de pedagogia, nas quais inexiste qualquer iniciativa de promoção de metodologias educacionais mais conservadoras. Teorias como o construtivismo e o socioconstrutivismo predominam. No pano de fundo intelectual das faculdades de pedagogia, há uma total hegemonia de conceitos marxistas, como materialismo histórico, ideologia proletária e luta de classes.[29]

Obviamente, ser de esquerda não significa ser Antifa. Contudo, com a aparição do movimento Antifa nas manchetes de jornais de todo o mundo, por causa dos protestos iniciados em maio de 2020 por conta da morte de George Floyd, vimos que praticamente todos os grupos e partidos de esquerda deram seu apoio à causa Antifa. Este fato sinaliza para a tendência de uma união entre os vários grupos de esquerda e a pauta do movimento Antifa. O próprio *Manual Antifa* diz que o movimento tem o apoio do povo, ou em breve o terá. Podemos interpretar isso como o movimento Antifa declarando que em breve terá todo apoio da esquerda, e até mesmo de pessoas de fora da esquerda.

A revolução comunista mundial: a Nova Ordem Mundial

O Manual Antifa não mede palavras e é bem explícito em seu propósito final: “Defendemos o estabelecimento de uma Nova Ordem Mundial, que proteja as pessoas de cor, LGBTQ, deficientes, e outras minorias”.

---

28 https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/a-desproporcao-entre-esquerda-e-direita-no-acervo-das-universidades-publicas-8v6lu5iximxewnrxfbz3qphn7/

29 Certa vez uma colega de universidade, que cursava pedagogia na UFSC, disse-me que numa disciplina da primeira fase o professor tinha colocado o *Manifesto do Partido Comunista* como leitura obrigatória. Até hoje me pergunto que importância para a história da pedagogia esse texto tem, a ponto de ser leitura de primeira fase na universidade.

Para Daniel Estulin, estudioso deste tema, a Nova Ordem Mundial[30] é o estabelecimento de um "Estado Policial Global que ultrapassa o pior pesadelo do Orwell, com um governo invisível, onipotente", que manipula nos bastidores as várias organizações internacionais e governos, como o governo dos Estados Unidos, a União Europeia, a OMS, as Nações Unidas, o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional e outras instituições desta natureza (Estulin, 2005, p. 7). Em resumo, a Nova Ordem Mundial é um projeto de governo totalitário em escala planetária, plano que é promovido e financiado por bilionários - chamados de metacapitalistas por Olavo de Carvalho - que controlam uma série de organizações internacionais, como Clube Bilderberg, Clube de Roma, Comissão Trilateral, Council on Foreign Relations (CFR), FMI, Banco Mundial, bem como fundações internacionais como Open Society, Ford Foundation, Rockefeller Foundation, dentre várias outras semelhantes.

De fato, estas fundações internacionais seguem uma pauta bem definida: financiam toda sorte de grupos de esquerda para a promoção de pautas globalistas, que colaboram para o crescimento do poder do Estado em controlar a vida do cidadão e destruir suas liberdades civis, promovendo, assim, o estabelecimento de um Governo Mundial. Um exemplo é o grupo radical Black Lives Matter, ligado ao movimento Antifa, que é financiado pela Open Society, do bilionário George Soros.[31]

No final de maio de 2020, com os violentos distúrbios urbanos deflagrados com a morte de George Floyd, várias empresas multinacionais, como Nike, Twitter, Netflix, Facebook, e Citigroup manifestaram apoio ao Black Lives Matter.[32] No mês seguinte, o escritório da ONU em Genebra declarou, nas redes sociais, apoio ao movimento Antifa, repudiando a atitude do presidente norte-americano Donald Trump em classificar os Antifas como grupo terrorista.[33] Algumas semanas depois, após a iniciativa da multinacional Unilever, centenas de grandes empresas[34] retiraram seus anúncios do Facebook, sob a acusação de que esta

[30] A expressão Nova Ordem Mundial também pode significar, dentro da geopolítica, a ordem global que emergiu após a queda da União Soviética, no início dos anos 1990, contexto em que os EUA assumem o papel de única potência econômica e militar no plano internacional, com o domínio do capitalismo.

[31] https://www.thenewamerican.com/usnews/politics/item/23896-hacked-documents-soros-funded-black-lives-matter

[32] https://einvestidor.estadao.com.br/comportamento/empresas-apoio-black-lives-matter/

[33] https://www.estudosnacionais.com/26121/onu-solidariza-se-com-a-antifa-e-condena-decisao-dos-eua-que-a-classificou-terrorista/

[34] De acordo com algumas estimativas, por volta de 400 empresas retiraram seus anúncios do Facebook. Sobre isso conferir

plataforma não estaria coibindo[35] a difusão de "discurso de ódio"[36], e "mensagens racistas e de supremacistas raciais"[37]. Em apenas um dia as ações do Facebook despencaram 8%, o que significou uma perda de 56 bilhões de dólares (302 milhões de reais).[38] Muitos usuários, liderados por Donald Trump e Jair Bolsonaro, acabaram migrando para outras redes sociais que garantem a irrestrita liberdade de expressão. Esses fatos evidenciam - além de um monumental poder de manipulação e/ou ocultação da informação - como os metacapitalistas têm apreço nulo à liberdade de expressão, e têm muita disposição para censurar quem é contrário à agenda globalista e à ideologia Antifa.

Quando o grande capital ocidental apoia e financia Black Lives Matter e sua ideologia, acaba fomentando também o movimento Antifa, promovendo, como consequência lógica, o comunismo.

Mas por que os grandes capitalistas estariam unidos a grupos de matriz comunista, como o movimento Antifa? Este é um problema extremamente complexo. É comprovado que existe um longo histórico de cooperação entre os capitalistas (ou metacapitalistas) e os movimentos revolucionários, como o comunismo, socialismo e nazismo.

Longe de ser mera teoria da conspiração, há uma relevante bibliografia a evidenciar que são os metacapitalistas os maiores financiadores do comunismo, como foram do nazismo na primeira metade do século XX. Este fato, por exemplo, é denunciado pelo pesquisador Antony Cyril Sutton em vários de seus livros[39]. Sutton mostrou como a Revolução Russa e o nazismo foram financiados pelos grandes financistas de Wall Street.

---

https://www.techtudo.com.br/listas/2020/07/boicote-ao-facebook-entenda-por-que-marcas-cancelaram-anuncios-no-site.ghtml

[35] Coibir e punir crimes, inclusive aqueles cometidos na internet, é papel da polícia e do judiciário, e não é função das empresas de internet que são as donas de redes sociais. Essa é uma verdade simples ignorada pelos barões da grande mídia, pelos metacapitalistas, pelas empresas de internet, pelos globalistas, enfim, por todo o *establishment* Ocidental.

[36] Para a extrema-esquerda, qualquer discurso conservador é "discurso de ódio". Ou seja, "discurso de ódio" é um conceito sem objetividade alguma.

[37] O discurso Antifa não se enquadra nestes termos? Mas as grandes plataformas da internet e as multinacionais nada fazem contra esse tipo de "discurso de ódio".

[38] https://brasil.elpais.com/tecnologia/2020-06-29/cresce-o-boicote-de-grandes-anunciantes-contra-o-facebook-apesar-da-reacao-de-zuckerberg.html

[39] Como as obras *Wall Street and Bolshevik revolution* (1974) e *Wall Street and rise of Hitler* (1976).

Como bem recorda Mises, "os ricos, os proprietários das fábricas que já estão em operação não têm interesse específico na manutenção do livre mercado. Embora não desejem que suas fortunas sejam confiscadas ou expropriadas, são favoráveis a medidas que os protejam de novos competidores" (Mises, 2010, p. 114-5). Isso explica muito da aparente incoerência dos inúmeros exemplos de grandes capitalistas financiando socialistas/comunistas. Só um Estado forte e interventor pode assegurar aos "amigos do rei" o domínio monopolístico sobre certos setores estratégicos da economia.[40]

Para Olavo de Carvalho, aos metacapitalistas não é vantajosa a existência do livre mercado e da livre iniciativa no interior de sociedades democráticas. O que os metacapitalistas querem é preservar seus oligopólios, que podem ser ameaçados justamente pela livre competição do mercado. Por isso, os metacapitalistas não perdem qualquer oportunidade que financiar toda sorte de iniciativas que resultam no crescimento do poder estatal. Pois quanto mais aumenta o poder do Estado para controlar a economia, mais fica limitada a livre competição econômica, o que promove o poder dos oligopólios, os quais, obviamente, são controlados pelos metacapitalistas. Enriquecidos pelo capitalismo, os metacapitalistas convertem-se nos inimigos número 1 do livre mercado. Pelo menos é isso que escreve Olavo de Carvalho no artigo *História de quinze séculos*:

> Um século de liberdade econômica e política é suficiente para tornar alguns capitalistas tão formidavelmente ricos que eles já não querem submeter-se às veleidades do mercado que os enriqueceu. Querem controlá-lo, e os instrumentos para isso são três: o domínio do Estado, para a implantação das políticas estatistas necessárias à eternização do oligopólio; o estímulo aos movimentos socialistas e comunistas que invariavelmente favorecem o crescimento do poder estatal; e a arregimentação de um exército de intelectuais que preparem a opinião pública para dizer adeus às liberdades burguesas e entrar alegremente num mundo de repressão onipresente e obsidiante (estendendo-se até aos últimos detalhe da vida privada e da linguagem cotidiana), apresentado como um paraíso adornado ao mesmo tempo com a abundância do capitalismo e a "justiça social" do comunismo. Nesse novo mundo, a liberdade econômica indispensável ao funcionamento do sistema é preservada na estrita medida

[40] Na recente história do Brasil, na era PT, temos o banco estatal BNDES financiando oligopolistas como os irmão Batista, da JBS, e Eike Batista, do Grupo X. Todos eles mantiveram íntimo relacionamento com a cúpula do PT, a qual recebeu bilionárias propinas.

> necessária para que possa subsidiar a extinção da liberdade nos domínios político, social, moral, educacional, cultural e religioso. (Carvalho, 2013, p. 169-170)

A criação de uma Nova Ordem Mundial integra a terceira fase da estratégia Antifa de dominação do mundo, sendo a quarta e última fase a criação (imposição) de um Governo Mundial. O foco de ação do Manual Antifa, claramente, é os EUA, com o objetivo de destruir nesta nação o poder do "homem branco heterossexual". Contudo, a meta final é a dominação mundial:

> Nosso movimento acabará se espalhando para outras nações - de fato, isso já começou. Alguns povos serão excessivamente resistentes a nossa marca de Antifa, como aqueles que foram anteriormente destruídos pelo comunismo ou por fracassados estados socialistas. Não se engane - vamos prevalecer onde outros falharam. [...] Os Antifa têm o poder das pessoas do nosso lado (ou teremos, eventualmente) [...].

Iniciando pelos EUA, passando depois por outras nações do Ocidente, o movimento Antifa coloca para si talvez a mais ambiciosa de todas as metas: reestruturar completamente a sociedade humana em todo o planeta.

Mais uma vez, o estabelecimento de um único governo mundial totalitário é meta que une os Antifas e os comunistas clássicos. A meta da construção de um Governo Mundial existe desde o nascimento do movimento comunista, em 1847. Num documento chamado *Projeto de Profissão de profissão de fé comunista*, escrito por ocasião do Primeiro Congresso da Liga dos Comunistas, ocorrido em 1847, está expresso o objetivo de destruição das soberanias nacionais para erguer sob suas ruínas um Governo Mundial: "As nacionalidades dos povos que irão se unir seguindo o princípio da comunidade serão forçadas por essa união a se fundirem e, em consequência, a se suprimirem, assim como as diferenças de ordens e de classes desaparecerão com a supressão de seu fundamento, a propriedade privada".[41] Ou seja, para o comunismo, com a destruição da propriedade privada, que se dá com a destruição da burguesia, ocorrerá também a destruição das nações e o surgimento do Governo Mundial comunista. Do mesmo modo, na atualidade, com a destruição do homem branco heterossexual, ocorrerá também a destruição dos EUA e do Ocidente, como conhecemos hoje, e com isso nascerá o Governo Mundial Antifa. A similaridade entre o comunismo e o movimento Antifa é impressionante. Isso não é mera

[41] Trecho citado em Engels (1989, p. 119).

coincidência, pois o movimento Antifa é parte do movimento comunista, é seu desdobramento histórico na atualidade.

No próprio *Manifesto do Partido Comunista* fala-se da destruição das soberanias nacionais como uma das metas do comunismo. De acordo com Marx e Engels, "os comunistas são censurados por querer suprimir a pátria, a nacionalidade". Sem negarem essa acusação de seus opositores, Marx e Engels afirmam que "Os operários não têm pátria" (Marx & Engels, 1989, p. 84). Para os autores do *Manifesto*, o desenvolvimento do mundo burguês, liberal, ajudou a iniciar o processo erosão das nações quando os burgueses criam o mercado mundial com a livre circulação pelo globo da produção de suas fábricas. Eles defendem que, com a vitória da revolução comunista, haverá o fim da exploração do homem pelo homem, e com isso haverá também o fim da exploração de uma nação por outra. Assim, o desaparecimento do antagonismo entre as classes sociais marcará igualmente o fim do antagonismo entre as nações (p. 85). Com isso, na visão dos comunistas, a existência de fronteiras nacionais deixa de fazer sentido.

Obviamente, tal teoria é pura metafísica, pois apresenta uma visão teleológica da história, ou seja, a história caminharia necessariamente para uma meta final pré-estabelecida.[42] As teorias de Marx e Engels parecem muito mais as profecias escatológicas de uma religião secular. O *Manual Antifa*, mais um vez, mantém-se muito próximo do marxismo clássico, pois continua defendendo, num misto de otimismo e ingenuidade, que uma revolução política em escala global, que resulte num Governo Mundial, poderá acabar com todas as formas de injustiça e instaurar o paraíso na Terra.

Após a Revolução Russa, com o movimento comunista conseguindo se apoderar do governo de um dos maiores impérios europeus, a agenda do Governo Mundial ganha novo impulso. Na cidade de Moscou, no ano de 1919, Lênin e Trotski criaram a Internacional Comunista, também conhecida como Comintern. A partir de então, o Comintern criou partidos comunistas em praticamente todas as nações, e estes partidos nada mais eram do que braços da Internacional Comunista e deveriam obedecer as ordens vindas de Moscou. A meta, obviamente, era espalhar o comunismo por todas as nações. De acordo com Viktor Suvorov, o Comintern "definia-se como 'quartel-mundial da revolução mundial'". Da mesma forma como hoje o movimento Antifa quer criar um Governo Mundial, "o objetivo da Internacional Comunista era a criação de uma 'República Socialista Soviética Mundial'" (Suvorov, 2010, p. 7).

[42] Essa crítica não é apenas nossa. Colletti (1983) observou que é pura metafísica a adoção por Marx da dialética hegeliana e da doutrina de que há uma meta final para o desenvolvimento da história. Ora, ter uma base metafísica é algo totalmente injustificado com uma filosofia que se propõe materialista. Este, inclusive, foi o motivo que fez Colletti abandonar o marxismo.

A Internacional Comunista queria destruir o velho mundo e construir em seu lugar um mundo novo. Os comunistas do Comintern defendiam que isso só seria possível por meio da tomada do poder político, o que seria feito por meio pacíficos ou violentos. Qualquer método poderia ser adotado para tomar o poder. Essa luta pela tomada do poder para a revolução comunista - a criação de um mundo novo - não deveria se limitar à escala nacional. Deveria sim ser uma ação de escala mundial. O movimento comunista, desde seu nascimento até os dias atuais, sempre entendeu que a tomada de poder num país é apenas um dos estágios rumo à revolução mundial e a dissolução final das nações (Suvorov, *op. cit*., p. 8).

Criar um Governo Mundial, no interior de uma Nova Ordem Mundial, é uma pauta comum a comunistas, globalistas e Antifas. O movimento Antifa integra o movimento comunista. Talvez seja mais exato afirmar que o os Antifas são um dos braços do comunismo. Não o principal braço, mas tem certamente um papel importante nas nações Ocidentais atualmente.[43]

David Rockefeller (1915-2017) foi um importante globalista que investiu bilhões, por meio da Rockefeller Foundation e seus tentáculos, no financiamento de inúmeras iniciativas para a promoção de um Governo Mundial. Ele foi membro (e até mesmo fundador) de diversas organizações globalistas que têm o objetivo da criação de uma Nova Ordem Mundial, como o Clube Bilderberg e a Comissão Trilateral. Em sua autobiografia, David Rockefeller declara expressamente ter trabalhado para o estabelecimento de um Governo Mundial:

> Alguns acreditam que [nós da família Rockefeller] somos parte de um grupo secreto de conspiradores trabalhando contra os melhores interesses dos Estados Unidos, caracterizando minha família e eu como "internacionalistas" afirmando que conspiramos com outras pessoas ao redor do mundo para construir uma estrutura global política e econômica mais integrada - um mundo unificado, se quiser chamá-lo assim. Se esta é a acusação, declaro-me culpado e tenho orgulho de minha culpa. (Rockefeller, 2002, p. 427)

Aqui temos, talvez, a mais explícita confissão de um importante membro do núcleo da elite globalista de que sua meta é a superação do modelo do Estado-Nação em prol de um governança global centralizada. Tal confissão é um de tantos outros elementos de que a existência de grupos que trabalham para a instauração de um Governo Mundial não é mera Teoria da Conspiração, como tantas que circulam atualmente pela internet.

[43] O Partido Comunista Chinês, com seus quase 90 milhões de membros, é certamente uma das principais forças do movimento comunista na atualidade.

O que não encontramos nos textos clássicos marxistas ou no *Manual Antifa* é que o estabelecimento de um Governo Mundial representa uma imensa ameaça às liberdades civis, e que tal governo muito provavelmente será uma ditadura em escala global, um regime totalitário imposto sobre todas as pessoas do planeta. Se os comunistas mataram, ao longo do século XX, 100 milhões de pessoas nas nações que dominaram, quantas pessoas pereceriam numa ditadura global comunista?

A possibilidade do Governo Mundial vir a se tornar uma ditadura mundial é comentada por alguns globalistas. Por exemplo, Herman Kahn e Anthony J. Wiener, membros do Instituto Hudson - uma instituição globalista - sustentaram seriamente essa possibilidade no livro *O ano 200*, publicado originalmente em 1967 e que contém especulações sobre como a geopolítica mundial estaria estruturada no final do século XX. Para Kahn e Wiener, muito provavelmente a ONU evoluiria para uma estrutura de governo mundial - algo como o modelo da União Europeia. Contudo, estes autores também alertam para o real perigo da transformação desse governo numa ditadura planetária.

> O império mundial poderá também vir a ser o resultado imprevisto, inesperado, ou, pelo menos, não desejado, de um governo mundial constitucional, através do abocanhamento do poder por meio de um golpe militar, ou de grupos minoritários, ou mesmo através de ditadura exercida por um grupo que represente a maioria, mas que não tenha conseguido um consenso esmagador. Este é, naturalmente, um dos grandes riscos que se corre, se um governo federal mundial for algum dia organizado. (Kahn & Wiener, 1968, p. 471)

A análise de Kahn e Wiener é muito consistente e fala sobre um cenário futuro, de fato, possível. Não concordamos, entretanto, que uma ditadura mundial seja o resultado "imprevisto, inesperado e não desejado" de um Governo Mundial. Como pudemos observar acima, os comunistas nunca esconderam que sua vontade é impor ao mundo a ditadura de um partido único. Se os comunistas impuseram governos totalitários aos povos de todas as nações que dominaram, parece lógico que farão o mesmo com todo o mundo caso um dia venham a converter a ONU numa espécie de "União Soviética Mundial".

Um Governo Mundial é uma experiência nunca vivida pela humanidade e, por qualquer ângulo que analisamos essa perspectiva, parece-nos uma projeto extremamente perigoso que poderá decretar a morte das liberdades civis para todos os seres humanos. Com os meios tecnológicos atuais, é praticamente certo que se imporá ao mundo um estado policial, totalitário, no qual a vida das

pessoas será vigiada 24 horas por dia, através de meios eletrônicos, para evitar comportamentos classificados como "inadequados" por aqueles que venham a deter o poder.[44] Essa perspectiva torna-se ainda mais sombria quando vemos que quem hoje trabalha para a implementação de um poder mundial centralizado são grupos extremamente radicais como os Antifas, que são nada mais que o instrumento do movimento comunista internacional.

No lugar de uma centralização planetária do poder, cremos que é com a sua fragmentação e descentralização que poderemos garantir que as pessoas tenham liberdade e prosperidade. Seja dentro das nações, com a semi autonomia das regiões (estados e/ou províncias), seja no plano internacional, com Estados soberanos, a descentralização do poder é preferível à centralização. As pessoas moram numa rua, vivem num bairro, trabalham numa cidade, são cidadãs de uma nação. Ninguém nasce um "cidadão do mundo". Construir um lar e ter o sentimento de pertencimento a um lugar são características intrínsecas à natureza humana, são elementos indissociáveis de nossa psicologia.

Os problemas são mais facilmente resolvidos por aqueles que os vivenciam de perto. Uma prefeitura, por exemplo, pode muito mais facilmente solucionar o problema do saneamento básico de um bairro da cidade do que os burocratas na capital do país, a qual, na maioria das vezes, está centenas ou até milhares de quilômetros distante, como é no caso de grandes nações como Rússia, Brasil e EUA.

Centralizar o poder em escala planetária poderá colocar a humanidade numa era de trevas jamais vista. A existência de nações soberanas tem o lado negativo da guerra. Mas no Governo Mundial teremos uma ditadura planetária da qual será impossível fugir. Se atualmente no Ocidente desfrutamos de liberdades individuais é porque temos nações soberanas. Como bem observou Roger Scruton, "é porque somos capazes de definir a nossa condição de membro de uma sociedade em termos territoriais que, nos países Ocidentais, desfrutamos das liberdades elementares que são, para nós, o fundamento da ordem política" (Scruton, 2015, p. 57).

Destruir a soberania nacional seria destruir a própria Civilização.

Concordamos plenamente com Scruton quando ele afirma que "as coisas admiráveis são facilmente destruídas, mas não são facilmente criadas". O Estado-nacional soberano é uma dessas criações admiráveis da espécie

[44] Algo não muito diferente do que atualmente já é realidade na China, país no qual o Partido Comunista impôs ao povo chinês um totalitário estado policial tecnológico.

humana, resultado de milênios de evolução da sociedade, algo conquistado a preço de muito sangue e muitas guerras.

Realmente, é mais fácil destruir do que criar. Prossegue Scruton afirmando que

> Isso é verdade, sobretudo, em relação às boas coisas que nos chegam como bens coletivos: paz, liberdade, lei, civilidade, espírito público, a segurança da propriedade e da vida familiar, tudo o que depende da cooperação com os demais, visto não termos meios de obtê-los isoladamente. Em relação a tais coisas, o trabalho de destruição é rápido, fácil e recreativo; o labor da criação é lento, árduo e maçante. essa é uma das lições do século XX. (Scruton, 2015, p. 9)

Se é verdade o que diz Edmund Burke, que a sociedade é um contrato não apenas entre os vivos, mas que também envolve os mortos e aqueles que ainda vão nascer, destruir as bases de nossa Civilização, como a ideia de nação, em prol de um megalomaníaco projeto utópico, será a maior quebra de contrato de todos os tempos. Estaremos roubando das gerações futuras aquilo que herdamos - nossa cultura e nossas instituições políticas e sociais -, e "mataremos os mortos" no instante em que destruirmos a obra que nos foi tão arduamente legada.

Seria tudo uma cortina de fumaça?

Na apresentação, foi apontado um questionamento central. O *Manual Antifa* é autêntico? Ou este documento é uma grande piada de mal gosto? Um fato é certo. Estamos diante de uma publicação anônima. O grande mistério é saber quem está por trás da ideologia Antifa. Esse é um mistério que permanece. Caberá a jornalistas investigativos e a historiadores resolver este problema. Detectar os agentes e forças financeiras que sustentam o movimento Antifa é um problema muito relevante que se apresenta a jornalistas, historiadores e cientistas políticos da atualidade.

Apenas arranhamos a superfície nesta análise da ideologia do movimento Antifa. Falta aprofundar o problema sociológico, histórico e político que este movimento apresenta ao cenário mundial atual. Contudo, pudemos ver que há sim fortes indícios de que grandes grupos financeiros fomentam o movimento Antifa. Há fortes suspeitas, por exemplo, do envolvimento da *Open Society*, como citamos acima. Outras fundações globalistas muito provavelmente devem estar envolvidas na articulação internacional do movimento Antifa. Por razões óbvias, os membros desse movimento negam isso e afirmam pertencer a algo

espontâneo e popular que nasce organicamente no seio da vontade do povo. Vários indícios nos levam a crer no contrário.

Com base no longo histórico do comunismo ao longo do século XX, tenho forte base para especular que essa relação entre metacapitalistas e os Antifas deve ser muito íntima. Os eventos que tiveram a morte de George Floyd como estopim, com manifestações ocorrendo simultâneamente nas grandes capitais de todo o Ocidente, mostram por si só que estamos diante de uma organização de alcance planetário, muito bem articulada, com altíssimo poder de mobilização e penetração na grande mídia. Organizar protestos em escala planetária custa caro, exige muitos recursos humanos e financeiros. Nenhum movimento genuinamente popular da atualidade tem condições de organizar protestos na Avenida Paulista, em Nova York, em Londres e em várias outras capitais européias ao mesmo tempo.

O conteúdo do *Manifesto Antifa* certamente é aterrador, dado seu radicalismo, e isso pode despertar o ceticismo de muitos. Por outro lado, é monumental o apoio que esse movimento e sua ideologia tem na grande mídia, nas empresas multinacionais, nos partidos políticos Ocidentais de esquerda e nas universidades.

Neste último caso, há mais de duas décadas, no mínimo, é imensa a infiltração da ideologia Antifa nas universidades brasileiras. Neste ambiente atualmente há incontáveis coletivos dedicados à causa do movimento negro. Há diversos núcleos de pesquisa sobre essas questões. A influência política da ideologia Antifa é tamanha que conseguiu impor ao Brasil, via decisão autocrática do STF [45], as polêmicas cotas raciais em vestibulares e a criminalização da homofobia[46]. Atualmente, como legítimo legado da era PT, chegamos à absurda situação que um estudante precisa ser avaliado por um verdadeiro "tribunal racial" que estuda se seu fenótipo corresponde a raça negra para, assim, poder entrar na universidade por meio de cota.

[45] É um gravíssimo problema, no Brasil e em outras nações do Ocidente, a usurpação pelo judiciário das competências próprias do Poder Legislativo. Deste modo, sem a natural pressão popular sobre o poder eleito que é o Congresso, o judiciário - um poder não eleito - vai impondo agendas "progressistas" à sociedade, mesmo a contragosto do povo.

[46] O "crime de homofobia" gera um problema jurídico imenso, pois não há um conceito objetivo do que seja homofobia. Falar publicamente contra a pática da homossexialidade, fazer uma piada, bater num gay ou um assassinato de transsexual são igualmente atos de homofobia? Obviamente são ações completamente diferentes. Contudo, tudo isso pode ser classificado como crime de homofobia, dada a falta de objetividade e elasticidade desse conceito.

Classificar pessoas por meio da raça, conceder privilégios estatais tendo como base o critério racial, tudo isso nos lembra, *mutatis mutandis,* alguma coisa que aconteceu na Alemanha da década de 1930...

O movimento negro brasileiro, obviamente ligado aos Antifas, quer a ampliação desse sistema de cotas para outras áreas, como pós-graduação. Atualmente até mesmo vários concursos públicos já têm cota racial, e há propostas de projetos de lei para impor cota racial a iniciativa privada.

Obviamente, o racismo existe e deve ser repudiado! Mas não será por meio da ação coercitiva e autoritária do Estado que os negros conquistarão melhores condições de vida. Isso ocorrerá sim por meio de mais liberdade econômica, e não por meio da concessão de privilégios estatais. É a liberdade econômica que erradica a miséria - seja de negros, brancos ou indígenas -, e não mais controle do Estado sobre a sociedade como a concessão de privilégios estatais a alguns grupos em detrimento de outros. Cotas criam diferenças e não igualdade. Hoje todo estudante universitário negro é classificado como "cotista", ou seja, como alguém que ganhou privilégios para estar na universidade. Isso sim é que pode ser o estopim para racismo, segregação e mesmo ressentimento dos estudantes cotistas, pois não se esconde a cor da pele.[47]

Tenho visto muitos estudantes negros serem veementemente contrários às cotas justamente porque não querem privilégios, mas sim igualdade. Eles não querem ser classificados como "aluno cotista".[48]

Classificação por raça por gerar o ódio entre as raças e o ressentimento. É justamente o ressentimento, alimentado por coletivos negros, que tem levado muitos estudantes cotistas a serem cooptados por coletivos negros de extrema-esquerda nas universidades públicas brasileiras. São os partidos de extrema-esquerda, portanto, que estão saindo vitoriosos ao estimular uma "luta de raças" no lugar da clássica luta de classes.

Neste ponto chegamos à conclusão de que o *Manifesto Antifa* é sim autêntico, pois seu conteúdo descreve muito bem o que temos visto por décadas no cenário político Ocidental. Muitos grupos comunistas têm conseguido atrair novos militantes por meio dessa "reciclagem ideológica" do clássico comunismo. Em resumo, a ideologia Antifa é apenas isso: mais do mesmo velho comunismo sob nova roupagem. Assim, quem estimula e financia a difusão da

[47] Cotas sociais, para pobres, evitariam esse problema, pois inclusive os negros pobres seriam beneficiados sem gerar uma artificial segregação racial.

[48] Muito mais justo e racional é defender cotas sociais, e estimular cursos de reforço escolar para pessoas pobres, independente de sua cor. O flagelo da pobreza é algo que atinge pessoas de qualquer cor ou etnia.

ideologia Antifa, muito provavelmente, são os mesmos que ao longo do século XX estimularam a propagação do comunismo pelo mundo. Como afirmamos acima, desvendar os nomes dos agentes e a rede de poder político-financeiro por trás dos Antifas será tarefa de jornalistas investigativos e historiadores. A nós resta uma certeza, a de que *a ideologia Antifa é apenas cortina de fumaça para ocultar intenções realmente malignas, como a promoção da Nova Ordem Mundial.*

É pouco provável que a Nova Ordem Mundial será o paraíso da liberdade sexual e racial, como proclamam os Antifas[49]. Como apontam vários estudos, a N.O.M. é, antes de tudo, o projeto imperial dos metacapitalistas, um império mundial, ou melhor, uma ditadura planetária que favorecerá os grandes oligopólios financeiros e industriais. A N.O.M. é apenas mais um projeto de poder, como foram outros no passado, certamente o mais ambicioso, organizado e megalomaníaco da história humana; mas é apenas isso, um projeto de poder.

De certa forma, se a teoria marxista tem alguma verdade é sua definição de ideologia, como sendo apenas uma máscara sob a qual se ocultam as verdadeiras intenções de poder.[50] Desde sua criação, marxismo sempre foi, obviamente, mais uma ideologia que oculta um projeto político de poder muito bem claro, que é concentrar todo o poder nas mãos de apenas um grupo, o Partido Comunista. Neste sentido, além de extremamente nocivo às liberdades individuais, o movimento Antifa é apenas mais uma ideologia, um marxismo reciclado sem conteúdo nenhum de verdade.

[49] As revoluções comunistas do século XX e o golpe bolivariano na Venezuela sob o ditador Maduro, apenas mostram uma constante. Prometendo criar um paraíso proletário de igualdade e prosperidade, os comunistas apenas trazem o inferno para a Terra com mais pobreza, tirania e escravidão. Será diferente com o movimento Antifa?

[50] O alvo dos comunistas é atacar a ideologia burguesa. Eles pensam que a ideologia proletária - seja lá o que isso for objetivamente falando - é benéfica para a evolução política das nações.

Referências Bibliográficas

ANÔNIMO. *The Antifa Manual.* 2017.

ATTARI, Jacques. *Karl Marx ou o espírito do mundo*. São Paulo: Record, 2007.

BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a revolução na França*. São Paulo: Edipro, 2014.

CARVALHO, Olavo de. *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*. São Paulo: Record, 2013.

CONSTANTINO, Rodrigo. *A refutação definitiva de Mises ao historicismo marxista*. 2016. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/a-refutacao-definitiva-de-mises-ao-historicismo-marxista/

COLLETTI, Lucio. *Ultrapassando o marxismo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983.

BRAY, Mark Bray. *Antifa:* o manual antifascista. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

ENGELS, Friederich. Princípios do comunismo. In: MARX, Karl; ENGELS, Friederich. *Manifesto do partido comunista*. Petrópolis: Vozes, 1989.

ENGELS, Friederich. Para a história da Liga dos Comunistas. In: MARX, Karl; ENGELS, Friederich. *Manifesto do partido comunista*. Petrópolis: Vozes, 1989.

ESTULIN, Daniel. *A verdadeira história do Clube Bilderberg*. Barcelona: Editorial Planeta, 2005.

KAHN, Herman; WIENER, Anthony J. *O ano 2000*: uma estrutura para a especulação sobre os próximos trinta e três anos. São Paulo: Melhoramentos, EDUSP, 1968.

MARX, Karl; ENGELS, Friederich. *Manifesto do partido comunista*. Petrópolis: Vozes, 1989[1848].

MARX, Karl. *Teses contra Feuerbach*. 1 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (coleção Os Pensadores vol. XXXV)

ROCKEFELLER, David. *Memoirs*. Nova York: Random House, 2002.

ROCKWELL, Lew. *O que é o socialismo fabiano e por que ele ele importa*. 2016. Disponível em:

https://www.mises.org.br/article/2331/o-que-e-o-socialismo-fabiano--e-por-que-ele-importa

SCRUTON, Roger. *Como ser um conservador*. São Paulo: Record, 2015.

STALIN, Josef. *Fundamentos do leninismo*. São Paulo: Global Editora, s.d.

STRAUSS, Leo; VOEGELIN, Eric. *Fé e filosofia política*: a correspondência entre Leo Strauss e Eric Voegelin (1934-1964). São Paulo: É Realizações, 2017.

SUVOROV, Victor. *O grande culpado*: o plano de Stalin para iniciar a Segunda Guerra Mundial. Barueri: Amarilys, 2010.

MISES, Ludwig Von. *Ação humana*: um tratado de economia. 3 ed. São Paulo: Instituto Ludwig Von Mises, 2010.

WELLS, H. G. *A conspiração aberta:* diagramas para uma revolução mundial. São Paulo: Vide Editorial, 2016.